

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: relações, marcos e impactos

Trajectories of retired teachers: relationships, milestones and impacts

Dra. Sandra Maria Costa dos Passos Colling¹

Dra. Magna Lima Magalhães²

Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha³

Resumo: O objetivo principal deste artigo é identificar passagens sobre os relacionamentos, os marcos e os impactos ocorridos nas trajetórias de professoras aposentadas da rede pública do município de Portão/RS. Os estudos foram realizados entre 2020 e 2022, baseados em pesquisa etnográfica e bibliográfica. Como o período foi cercado pelo distanciamento social devido à pandemia de Covid19, a etnografia ocorreu de forma virtual. As narrativas trouxeram questões envolvendo as relações com colegas de profissão, equipe diretiva, alunos e comunidade escolar. Os desafios, riscos e marcos foram narrados, com elementos objetivos e subjetivos. As professoras aposentadas participantes desta pesquisa trataram de apontar os impactos da gestão administrativa e pedagógica no trabalho em educação. Com estas reminiscências é possível refletir sobre a importância dos registros e diálogos com profissionais experientes na construção de um percurso profissional mais humanizado.

Palavras-chave: Educação. Escola. Gestão educacional. Professoras aposentadas. Trajetória profissional.

Abstract: *The main objective of this article is to identify passages about the relationships, milestones and impacts that occurred in the trajectories of retired teachers from the public school system in the city of Portão/RS. The studies were carried out between 2020 and 2022, based on ethnographic and bibliographic research. As the period was surrounded by social distancing due to the Covid19 pandemic, ethnography took place virtually. The narratives raised issues involving relationships with professional colleagues, management team, students and school community. The challenges, risks and milestones were narrated, with objective and subjective elements. The retired teachers participating in this research tried to point out the impacts of administrative and pedagogical management on work in education. With these reminiscences it is possible to reflect on the importance of records and dialogues with experienced professionals in the construction of a more humanized professional path.*

Keywords: Education. School. Educational management. Retired teachers. Professional trajectory.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte dos estudos realizados na elaboração da tese com título “Olhares e movimentos com o que resta de giz nas mãos: memórias do mundo do trabalho de professoras aposentadas da rede pública de ensino e o patrimônio cultural escolar do município de Portão/RS⁴”, no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale, defendida em outubro de 2022. A carreira em educação,

¹ Dra. Sandra Maria Costa dos Passos Colling. Pós-Doutoranda, Doutora e Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale).

² Dra. Magna Lima Magalhães. Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Docente do Curso de História da Universidade Feevale (RS/Brasil) e do Programa em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

³ Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Pós-Doutora nas Universidades: Denis Diderot - Paris VII, França; Freie Universität Berlin, Alemanha e d'Evry Val d'Essonne, França. Doutora em Antropologia (Université Paris Descartes, Paris V, França). Mestre em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Professora colaboradora no Programa de Antropologia Visual/UFRGS e coordenadora de pesquisa do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/ Laboratório de Antropologia Social/UFRGS.

⁴ Pesquisa realizada com o apoio PROSUC/CAPES.

observada através das narrativas de sete professoras⁵ aposentadas no ensino público no município de Portão/RS, trouxe vários pontos a se discutir e refletir sobre o trabalho nos anos iniciais do ensino fundamental que podem se estender a outros níveis de ensino.

Para situar, apresento o Quadro 1, que contém os níveis de ensino da educação básica no Brasil (no período de atuação das professoras parceiras desta pesquisa) e as respectivas Leis Federais que os organiza e regulamenta. Estas alterações foram realizadas de acordo com as necessidades observadas ao longo do tempo⁶, lembrando, evidentemente, que “há pessoas que puxam os fios e que as verdadeiras implicações estão em outro lugar”, mas que ainda “o parlamento é o lugar da política legítima, o lugar em que se institui uma maneira legítima de formular e regular os conflitos entre os grupos” (BOURDIEU, 2014, p.199). Nesta pesquisa o foco é a carreira profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, denominação que hoje lhe é atribuída, e pode ser observada no quadro a forma como era designada, segundo a legislação de cada período.

Níveis de ensino da educação básica do Sistema Educacional Brasileiro				
Legislação	Organização	Organização	Organização	Organização
4024/1961	Pré-escola	Primário	Ginásio	Colegial
5692/1971	Pré-escola	1º Grau	1º Grau	2º Grau
9394/1996	Educação Infantil - Creche - Pré-escola	Ensino Fundamental (primeiras 4 séries)	Ensino Fundamental (últimas 4 séries)	Ensino Médio
11114/2005 e 11274/2006	Educação Infantil - Creche - Pré-escola	Ensino Fundamental (anos iniciais – 5 anos)	Ensino Fundamental (anos finais – 4 anos)	Ensino Médio

QUADRO 1: Níveis de ensino da educação básica brasileira.

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Neste estudo, as conversas se movimentam em torno de assuntos sobre relacionamentos, desafios, riscos e marcos em educação, bem como no impacto da gestão, tanto administrativa quanto pedagógica, nos espaços por onde as professoras parceiras desta pesquisa circularam. Pode-se perceber, a partir da etnografia realizada, como se deram estas relações no ambiente de trabalho e a forma como elas indicaram ou não novos pontos de partida, influenciando ou alterando o “transitar” de cada professora com desvios, atalhos e busca por outras rotas.

⁵ As professoras parceiras desta pesquisa autorizaram o uso de seus nomes, imagens e narrativas, com Carta de Cessão devidamente assinada. A saber, Rosaura, Marisa, Mariângela, Adreane, Leila, Eoní e Cândida.

⁶ Ver mais em: TAGLIAVINI, João Virgílio; TAGLIAVINI, Maria Cristina Braga. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: Constituição, Leis e Diretrizes.

DOS RELACIONAMENTOS PROFISSIONAIS: “Na sala dos professores a gente falava de tudo.”

Para uma professora, certamente, a questão dos relacionamentos no ambiente de trabalho é importante para que o ano letivo possa transcorrer com a possibilidade de apoio necessário para a resolução de potenciais dificuldades. Estes relacionamentos são dos mais diversos: com os colegas, com a direção da escola, com os alunos e a comunidade escolar. Nem sempre é possível manter um bom relacionamento com todos estes grupos. Alguns posicionamentos podem fazer com que o relacionamento com um dos grupos tenha certo distanciamento ou maior aproximação.

Suas narrativas trazem elementos importantes a considerar. Como se observa nos metafóricos triângulos de Nóvoa (1999), alguns vértices possuem maior força, e isso está também presente nas relações de poder na sociedade (FOUCAULT, 2013, 2014). Desse modo, um grupo de profissionais que labora com/para crianças pertencentes a uma comunidade, ao lado de outros profissionais, tendo que atender às solicitações da direção e de órgãos superiores, está em constante movimento entre esses vértices. As tecnologias de governo estão presentes em tempo integral no ambiente escolar (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016): na legislação, na organização dos setores, no espaço físico, nos direitos e deveres de cada profissional, nas questões éticas e nas movimentações de cada membro da comunidade escolar.

Quando se trata de tecnologias de governo⁷ é importante pontuar que estas atingem tanto escolas públicas quanto privadas visto que todas fazem parte do Sistema Educacional Brasileiro⁸ e estão sujeitas a sua Legislação e estrutura geral de funcionamento. Porém, estas esferas são atravessadas de formas distintas, estando as escolas públicas mais vulneráveis às reformas devido a questões como liberações de verbas e projetos, por exemplo, sofrendo de forma mais direta os impactos nas experiências de gestão conforme mudanças de governo, principalmente em âmbito do poder executivo federal, estadual e/ou municipal.

COM COLEGAS: da sala de professores aos conselhos de classe

A sala dos professores é um espaço que se constrói não apenas pelo espaço físico, mas, principalmente, pelo nível de relações que se engendram nele. Escolas pequenas possuem poucas pessoas, o que não significa um nível alto de aproximação. Enquanto isso,

⁷ As tecnologias de governo aqui tratadas são meios utilizados para propor novos percursos, seja por programas, projetos, legislação, disponibilização de materiais, entre outros.

⁸ Ver mais em: <<http://seb.inep.gov.br/>>

escolas grandes, com muitos profissionais, nem sempre são ricas na construção de elos entre os pares. Porém, podem sugerir possibilidades de encontro com pessoas com personalidades e aspectos profissionais que trazem proximidade, criando-se, muitas vezes, pequenos grupos de colegas que têm afinidade no trabalho ou, até mesmo, que criam laços de amizade.

Rosaura só tem lembranças boas do espaço da sala dos professores, porque era um lugar onde se descontraiá, como professora e, mais tarde, como diretora. “Mas eu acho que conseguia isso enquanto diretora por causa do diálogo e da transparência. Também pela liberdade de falar o que eu penso e de ouvir o outro. Ninguém pensa igual”. Ela reforça que o respeito é a base das relações, pois nem sempre é possível fazer um comentário pessoal para alguém; algumas pessoas se melindram, outras são mais soltas.

Eoní recorda que, por um longo tempo, trabalhou praticamente sozinha. Depois veio uma professora para trabalhar com ela na zona rural, em Fazenda das Palmas, e se relacionaram bem até ela ser transferida. “Depois, por muito tempo nos comunicamos por carta. A distância vai afastando, mas se nós nos encontrássemos sei que ia ter muita coisa pra conversar”. Quando Eoní foi trabalhar em escolas maiores, ela recorda que ocorriam discussões acirradas nas reuniões, mas que, quando a reunião acabava, tudo voltava a ser como antes.

Eu ainda mantenho as boas amizades, tanto na Pedro Schuler, como no Fraga. A gente continua bastante amiga, ainda tenho um grupo da Pedro Schuler para passear, trocar livros. As professoras aposentadas do município possuem um grupo no *whatsApp*, mas eu não conheço a maioria delas porque trabalhei o tempo todo no Fraga e tem poucas que se aposentaram de lá ainda.

Leila trabalhou, na maior parte do tempo, em escolas pequenas, ou sozinha ou com uma ou duas colegas. E era o que ela gostava. Sobre quando trabalhou numa escola com mais professores, ela reclama:

Ah, eu achava que tinha muita fofoca, sabe? Não gostava de trabalhar em escola maior. Achava horrível. Não sei se foi uma única experiência que me fez pensar assim ou se eu que prefiro grupo menor mesmo. É que gosto de combinar e seguir o que foi planejado. Num lugar cheio de pessoas, o pessoal fala, mas na hora ficava o trabalho para algumas, eu não conseguia relaxar e isso me fazia mal. Já com grupo pequeno, a gente conversava de tudo, combinava, cumpria, e as coisas davam certo. O grupo ficava firme e forte. Eu preferia assim.

Marisa pondera que “gostava de fazer parcerias nos projetos. Mas daí tinha que ter ajuda mútua, né?” Ela conta que teve colegas que se tornaram amigas para a vida, pessoas em quem podia confiar, obter ajuda, conselhos e que compreendiam o modo de ela trabalhar. “Não recordo muita coisa da sala dos professores porque gostava de ficar no pátio no recreio. Nas reuniões ficava focada no que era a pauta, e os conselhos de classe sempre foram

tranquilos em relação aos colegas”. A professora afirma que, sempre que era transferida para uma nova escola, primeiro observava o grupo. Conforme a situação, se recolhia mais ou menos. Assim, “eu me sentia diferente em cada lugar, e isso me fazia aprender muito”.

Adreane lembra dos seus laços com colegas desde o início da profissão, mesmo quando estava trabalhando sozinha na zona rural, das professoras que dividiam o táxi para conseguir chegar ao trabalho. Mais tarde, ela relata que suas colegas na nova escola na Vila Aparecida eram mais do que colegas, eram amigas que trabalhavam juntas, pelo melhor para todos. Na sequência, quando foi atuar como supervisora, ela remonta algumas questões:

Quando estava na supervisão, foi uma caminhada muito diferente na questão de relação. Porque parando pra pensar no serviço de supervisão, como é que a gente se relacionava com os professores? A gente tinha escolas do interior, por exemplo. Qualquer novidade que eu tinha eu ia levar pra essa professora, e ela tentava aplicar aquilo, do jeito dela, da maneira dela, mas ela tentava porque aquilo era uma novidade que chegava pra ela. A gente presenteava com atividades, presenteava com xerox, que era uma coisa que elas não tinham acesso. Então, quando a gente conseguia levar materiais, aquilo era muito bem-vindo. E era um facilitador de aprendizagem. Falando isso parece uma coisa ridícula, né? Hoje em dia isso é ridículo, mas naquele período era o que se fazia necessário. E nessas relações eu noto que o professor não tem que ser mágico, mas ele tem que ter o comprometimento de qualquer outro profissional. Então, eu tinha professores que, às vezes, iam trabalhar com febre, doentes, porque aqueles alunos não tinham como ser avisados. Hoje, né, hoje não faça. Tá? Não que tenha que fazer, mas entre não ter mais que fazer pra um extremo de eu ter um atestado sem ter absolutamente nada, existe uma baita distância: a consciência. E isso existe muito hoje. Então, eu sempre pensava muito naquelas professoras que estavam lá no interior, sozinhas, assim como eu estava um dia. Ir lá e demonstrar preocupação com elas era um ato de desejo profundo de um relacionamento afetivo, além do profissional. Mas com o tempo as relações também foram mudadas. Uma relação profissional de cumplicidade, com aquele profissional que tem gentileza com o próximo, ele embarca contigo. Então, tem uma coisa estabelecendo quase que uma relação afetiva, e que é produtiva e saudável também. O nível de exigência de formação dos nossos professores tem problema sim; as nossas avaliações de estágio probatório⁹ têm problema sim – *afirma fortemente e silencia um tempo*. Então, acho que isso tudo contextualiza as relações profissionais. Porque exige respeito pelo outro. Como diretora tive a felicidade de trabalhar na creche antes de me aposentar. E eu sempre penso: até que ponto as pessoas que fazem parte do teu grupo vestem a camiseta da tua escola? Eu fui feliz, mas assim ó, a nível administrativo as coisas foram ficando cada vez mais difíceis de lidar. Então, no meu período de secretária eu não sinto que as relações tenham melhorado, tá? Porque a gente fazia algumas reuniões das equipes diretivas, com supervisores e os problemas que eles traziam, muitas vezes, eram de relacionamento e dessa falta de identificação com os colegas. Eu também me questionava por que algumas escolas têm tantos pedidos de transferência? E estudar essas relações, assim, acabou faltando tempo pra gente, porque a gente apagava incêndios o tempo todo, né? Com desdobramento pra tapar o furo daquela pessoa que tava faltando 40 horas, e daqui a pouco uma postagem no *facebook* da pessoa viajando lá no nordeste. Então, aí sim, fica difícil. Eu dou um enorme valor para as relações afetivas, mas acima delas estão as profissionais. Eu não posso como um supervisor ser extremamente amiga tua quando tu é uma profissional que relaxa

⁹ Estágio probatório é uma avaliação que acontece nos primeiros anos de docência do professor aprovado no concurso e nomeado, sobre seu trabalho na escola. A avaliação é realizada pela equipe diretiva da escola e encaminhada para a Secretaria de Educação, que toma as providências necessárias, aprovando ou reprovando o estágio do professor. Em caso de reprovação ocorre um processo jurídico interno que pode ser finalizado com a demissão do professor. O período de avaliação e os itens a serem avaliados dependem da legislação específica do concurso prestado e do Plano de Carreira.

e deixa de cumprir com as tuas mínimas obrigações. Então, pode e deve ficar melhor. Assim, acho que todas as relações são pautadas pelo respeito. Não é possível sobrecarregar um colega e querer ser amiga do pessoal. As relações humanas são importantíssimas, ainda mais em educação, mas primeiro o respeito porque nós estamos no nosso lugar de trabalho.

Adreane faz uma mea-culpa no sentido de não ter tido o tempo necessário para investigar e criar estratégias para promover a melhoria na questão dos relacionamentos entre os profissionais de educação. O tempo está sempre presente nas narrativas, das mais diferentes formas. Como será a relação entre o tempo e a escola? O tempo escapa, no entanto, tudo guarda.

Quando Mariângela lecionava na Escola Municipal Vila São Jorge, uma escola pequena nos anos 1990, os colegas se relacionavam bem. Segundo ela, as professoras eram todas colegas de magistério, então a maioria se conhecia e havia um clima de amizade. Por motivo de formação, as professoras tinham unicidade no trabalho e na visão sobre o profissionalismo, a responsabilidade, o comprometimento com a escola. “E querendo ou não, o magistério faz uma diferença na formação da pessoa, não sei como é que estão os cursos agora, mas na nossa época, o grau de exigência era muito grande. Então, as relações tinham este facilitador”. A professora recorda que, quando trabalhou na Escola 9 de Outubro, o grupo era grande, bem mais difícil de buscar relações de trabalho e de amizade. “Tinha um grupinho que ficava tomando chimarrão no pré¹⁰, outros ficavam na sala de professores, e eu, como não queria ficar mal, um dia eu tomava chimarrão na sala de professores, outro dia eu tomava lá no pré. Eu me dava com todo mundo, né?” – e sorri.

Mais tarde, quando foi transferida para a Escola Municipal Gonçalves Dias, por muito tempo esteve sozinha. E depois, com aumento do número de alunos, a escola expandiu o prédio, as turmas e vieram outras professoras.

Veio a Dete¹¹, veio a Marisa¹², a minha irmã¹³, então o nosso relacionamento era ótimo, era fácil de trabalhar e na hora do recreio, como é que era a nossa hora do recreio lá na Cachoeira? Eu jogava bola com as crianças. Esse era o meu recreio. Então, todos os dias até quando a escola começou a crescer – porque daí eu não dava mais aula, porque a direção exigia muito de mim – eu jogava bola com eles no recreio. E as professoras ficavam lá tomando chimarrão juntas e participando do que a gente estava brincando. A escola foi crescendo e começaram as dificuldades. Daí as pessoas começam a não se entender mais. Pensam muito diferente e tal. Quando começou a área, de 5ª série em diante, aí já começou as maiores dificuldades, por quê? A maioria dos professores não tinha feito magistério, eles só tinham feito a faculdade naquela época. Então, era um trabalho bem diferente do que nós estávamos acostumadas, as professoras das séries iniciais. E tu sabe, aquelas

¹⁰ Turma chamada de pré-escola, hoje educação infantil.

¹¹ Maria Odete Rigon, professora nomeada. Também foi vereadora por muitas gestões e a primeira prefeita do município.

¹² Marisa Braga, professora nomeada, uma de nossas parceiras de pesquisa.

¹³ Márcia Werlang, professora nomeada, também aposentada.

professoras que tiveram o magistério no Caí¹⁴. Então, era um pouco difícil, mas tudo é possível quando tu se dedica, faz reunião, conversa. Nós ficamos muito tempo com supervisão da SEMEC¹⁵, então a supervisora Ângela¹⁶ vinha para os Conselhos de Classe ou trazer algum material. Nesta época, no início, da Adreane¹⁷ e da Maria Helena¹⁸, os Conselhos de Classe eram entre escolas da zona rural, não era apenas a nossa escola, pra ti ter uma ideia. Cada vez era numa escola do interior. A Adreane perguntava sobre cada aluno e assim transcorria o Conselho. Não tinha esta questão de estar só os professores da escola e discutir sobre os problemas específicos dali. Só mais tarde.

A parceira de pesquisa Cândida conta que, com relação a colegas, sempre gostou de realizar trocas. “Não apenas de materiais, mas sobre as questões dos alunos. Eu gosto, mas eu percebia que nem todo mundo gostava. Então eu sempre fazia essa leitura: com quem eu posso?” Ela recorda que na Escola Municipal Vila São Jorge teve parcerias maravilhosas. “Quando alguém me sugere uma coisa, eu não sinto que tá me invadindo. As pessoas dão sugestão, né? E eu vou acatar se eu quiser e o que eu não quiser, tudo bem”. Cândida conta que foram poucas as vezes em que ela se sentiu desrespeitada por algum colega, porque “na escola é uma relação profissional, não vejo espaço para outro tipo de relação”.

Como podemos ler nas narrativas das professoras parceiras desta pesquisa, lidar com pessoas é sempre algo muito delicado. Quando tratamos das relações entre profissionais da educação, é preciso compreender que são, em sua maioria, pessoas que possuem formação acadêmica, têm noção de espaço, de alteridade, de socialidade e dos limites que as relações requerem.

É possível que uma professora seja ou atue de modo diferente em duas escolas? Sim, observamos isso em algumas narrativas: os espaços nos produzem e, também, nós construímos os espaços por onde circulamos. E não há relação com uma melhor ou pior escola. São grupos formados por pessoas que sentem, que possuem suas dificuldades, seu universo particular, suas cicatrizes, enfim, seres humanos em constante mudança. Também há a questão do contexto da comunidade onde a escola está inserida e de como o gestor vê o grupo. A isso vamos atentar nas próximas linhas.

COM A EQUIPE DIRETIVA: dos documentos aos comprometerimentos

A relação entre as professoras e a equipe diretiva pode ser observada em diferentes aspectos. Algumas professoras falam que o primeiro encontro, no primeiro dia em que entram na escola, é primordial para esta relação. A forma como a professora é acolhida neste momento é importante para a continuidade do trabalho.

¹⁴ Na Escola Normal de São Sebastião do Caí, hoje Escola Paulo Freire.

¹⁵ Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

¹⁶ Ângela Muller, supervisora nomeada, ainda na ativa na Secretaria de Educação de Portão.

¹⁷ Adreane Arnecke, nossa parceira de pesquisa.

¹⁸ Maria Helena Lauxen, já citada como Diretora de Ensino, mas também professora e supervisora.

Até os primeiros anos da década de 1990, a maioria das escolas tinha apenas a figura do diretor ou diretora no comando da escola. Com o crescimento populacional do município, o número de alunos subiu e, conseqüentemente, para atender a esta demanda, o número de professores também. Assim, foi necessário, em muitas escolas, que se montasse uma equipe diretiva, com diretor(a) e vice-diretor(a) e, mais tarde, com a ampliação do serviço pedagógico, com supervisão e orientação escolar. Este setor pedagógico era atendido diretamente com uma equipe que prestava serviço na Secretaria de Educação e só vinha à escola nos períodos de conselho de classe ou em alguma emergência. Em Portão, as escolas maiores contam com secretária desde o início dos anos 2000.

Algumas escolas menores ainda possuem apenas a diretora no trabalho de gestão. Mas recebem apoio pedagógico com mais frequência do que naqueles anos de 1980 e 1990.

De qualquer forma, é à equipe diretiva que o professor deve prestar contas de seu trabalho, entregar documentos, planos, projetos, fazer solicitação de cópias de materiais e solicitar materiais. Poder, organograma, disciplinamento: tecnologias de governo (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016) em vários aspectos do funcionamento escolar. Também, é a equipe diretiva que, juntamente com o setor pedagógico, avalia o estágio probatório dos professores. Quando há algum problema com o aluno, seja de aprendizagem ou de outra ordem, os pais normalmente recorrem à direção, que chama e conversa com o professor na busca de soluções para cada caso.

Dessa forma, o gestor em educação é alguém muito importante para a vida funcional do professor. Por isto, é relevante pensar numa boa relação com a equipe e da equipe com o professor. As professoras parceiras desta pesquisa contam algumas passagens.

Rosaura lembra: “sempre tive respeito pelos gestores da escola, eles foram a base para que eu pudesse estar onde estou agora. Aprendi muito com eles. Desde a Mari Tibolla¹⁹, passando pela Maria de Lourdes²⁰, até chegar na Márcia²¹ e no seu Edgar Strieder”.

A parceira de pesquisa Eoní relembra as direções que passaram em sua trajetória. No começo ela era a diretora na escola da zona rural. Depois ela afirma que sempre procurou apoiar a direção em suas tomadas de decisão. “Eu já bati pé com diretor, mas dentro das coisas de escola, né? Uma vez queriam tirar o diretor da Pedro Schuler por causa de fofocas, então o grupo de professores foi na casa dele falar com ele e depois na CRE, mas não

¹⁹ Marimilia Tibolla, professora e supervisora escolar, sendo diretora na Escola Municipal Visconde de Mauá e na Escola de educação Infantil Chapeuzinho Vermelho. Atualmente aposentada.

²⁰ Maria de Lourdes Riva Cozer, professora das redes estadual e municipal, tendo sido diretora na Escola Municipal 9 de Outubro. Atualmente aposentada.

²¹ Márcia Hadres Bueno, professora, foi diretora da Escola Municipal Antônio José de Fraga. Atualmente é Diretora de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Portão.

adiantou”. Eoní reforça que defeito todo mundo tem, e dificuldades também. “A gente tem que aceitar que os outros não são perfeitos, nós também não somos. E tudo é aprendizado”.

Leila afirma que sempre buscou se relacionar bem com a direção. “Passei por ali e não gostei, então sempre busquei respeitar quem estava no cargo”. Ela foi diretora, por dois anos, da Escola Municipal Vila Souza, além das escolas multisseriadas Machado de Assis e Getúlio Vargas. Pela experiência que teve, procurou ter um bom relacionamento com as direções de escolas onde trabalhava e entregar todas as solicitações em dia para não ter nenhum tipo de problema.

Adreane esteve na direção na escola General Osório e, depois, na Vila Aparecida. Ela relata que, na primeira, trabalhava sozinha e que, na segunda, o grupo de profissionais era uma verdadeira família. “Essa relação se construiu de uma maneira aberta, coesa, onde faziam as combinações e trabalhavam em equipe. Quando eu saí, a Elza²² assumiu a direção e o trabalho só prosperou”. Ela credita isto ao fato de os professores compreenderem que a direção, os setores de orientação e de supervisão estão ali para somar. Então, o vínculo se estabelece, e as relações se tornam saudáveis. “No momento que tu não consegue isso, fica muito difícil”.

Mariângela teve diretores em algumas escolas que lecionou antes de trabalhar na Gonçalves Dias. “Eu lembro do trabalho da Clair²³ na São Jorge. Maravilhoso!” Depois, quando assumiu a direção de uma escola da zona rural que foi crescendo, expandindo, aumentando número de professores, alunos e funcionários, ela percebeu que o compromisso só aumentava. “A escola era minha vida, eu passava maior parte da semana ali e até nos finais de semana. Tudo era muito bom no início, depois as coisas mudaram e, aos poucos, fui repensando algumas questões”.

Eu sempre prezei pelo relacionamento dentro do grupo, no início do ano eu trazia uma psicóloga, eu trazia alguma atividade de entrosamento, de valorização e autoestima, promovia almoços, jantas, escrevia mensagens, às vezes à mão para cada um. Organizava gincanas onde todos se divertiam. Depois que a Deise²⁴ foi dar aula ali, como ela é muito criativa e organizada, a gente criava um evento no dia do professor. Estava tudo bem, todo mundo se dava bem, tudo certo, a escola já tinha ensino fundamental completo, tínhamos uma supervisora, a Helena²⁵. Mas daí eu tive uma certa dificuldade com um professor. Não sei se foi coincidência, porque a gente tinha um FG de direção e em 2007 ele aumentou cinco vezes. A partir daí comecei a ter meu trabalho questionado, principalmente por um professor. E, como não bastasse as discussões comigo, porque eu ficava firme, ele começou a tratar mal as crianças, foi o jeito que ele achou de me ferir. Então nos organizamos com a comunidade e sugerimos a transferência dele e assim foi feito. Mas um outro professor, que aparentemente era meu amigo, não era de confiança e outros conflitos

²² Elza Aparecida da Silva Pereira, professora, diretora da Escola Municipal Vila Aparecida e, mais tarde, Diretora de Cultura de Portão.

²³ Clair Maria Rosa Marques, professora nomeada, foi diretora da Escola Municipal Vila São Jorge, já falecida.

²⁴ Deise Hoff Britz, professora municipal, atual diretora da Escola Municipal General Osório.

²⁵ Marta Helena Selbach, supervisora nomeada, também aposentada.

se deram. Busquei ajuda para encontrar soluções e enfrentei o desafio. Mas não foi fácil. Havia ambição em jogo. A gente tem que lutar pelas coisas, mas nunca passar por cima de ninguém. E isto acontece não só em escola, em empresas é pior ainda, a gente fica sabendo. Então, eu recebi convite para trabalhar na Assistência Social e, se estas coisas não estivessem acontecendo lá dentro, eu não teria aceitado. Mas enfim, fui, experimentei coisas novas, aprendi e é isso.

Marisa relembra que “onde não sou bem recebida, não fico muito tempo. Então, se não tem como eu desenvolver meu trabalho e se os alunos não são vistos como seres humanos pela direção, não tem como permanecer lá. Por isto me movimetei tanto nas escolas”. Em outros momentos Marisa narrou que a quantidade de escolas municipais onde trabalhou demonstra estes movimentos. Ela trabalhou em quase todas as escolas municipais. Isso, mais adiante, de certa forma, contribuiu para que ela transitasse pelas escolas com certa facilidade para realização dos projetos relacionados ao meio ambiente.

A professora Cândida diz que teve poucas dificuldades com relação à direção de escolas onde trabalhou. “No início de minha carreira, eu sempre fui muito de reclamar, de argumentar. Mas eu fui amadurecendo ao longo do tempo e tem coisas que é melhor a gente não discutir. A pessoa não tá aberta praquilo, enfim, deixa ela do jeito que tá, né?”

Com relação a todas as colocações sobre os relacionamentos com as direções das escolas, algumas pontuam situações de quando eram professoras, outras trazem o ponto de vista da direção. Mas o mais relevante é pensar no modo como as professoras olham para esta questão: a direção como num outro patamar. Isso faz com que as pessoas se olhem e, também, vejam as demais que possuem função diferente, por outras perspectivas. Uma das aposentadas comentou que, quando era professora, tinha acesso a todas as conversas dos colegas na sala dos professores. Mas que, num dado momento, sendo diretora de um órgão municipal, não conseguiu mais abertura nas conversas do cotidiano dos colegas, mesmo que tentasse e não havendo nada de atrito entre as partes.

Mesmo tendo conhecimento sobre a necessidade de estarem abertas para as mudanças, principalmente aquelas que envolviam as direções de escola, em função das eleições municipais, algo travava as relações. Isso produzia efeitos que se acumulavam, dia após dia, provocando ainda mais distanciamento, dificultando, muitas vezes, o acesso à resolução de problemas envolvendo os alunos, a aprendizagem, ou seja, um nó que provoca outros e assim sucessivamente. E como desatar estes nós? Os relacionamentos, de toda forma, não são sempre compreensíveis e abertos. Principalmente quando há um campo de batalha, onde o poder de um cargo, de uma recompensa via nota de jornal ou rápida ascensão profissional, espregueia a mente daquele que só tem foco na subida: são os arranjos de poder no ambiente de trabalho, numa sociedade complexa.

COM ALUNOS E COMUNIDADE ESCOLAR: para além da sala de aula, corredores e pátio

Os alunos são a matéria de uma obra de arte, são a argila que ora cria formas próprias, se lhes deixa escapar, foge do controle, do domínio que a própria escola em sua essência desejou vigiar (FOUCAULT, 2014). Pode-se perceber esta relação entre alunos e as professoras parceiras desta pesquisa.

Os momentos vividos pelas professoras com seus alunos em diferentes espaços da escola e da cidade construíram esta relação. Era muito comum ouvir na sala de professores ou nos conselhos de classe, depois de um passeio com os alunos: “Nossa, que criança interessante, eu não imaginava que ela soubesse tanto de...” Na complementação desta frase poderia ser: arte, comida, horta, curtume, trânsito, doenças, animais. Esta frase não tem autoria única, pois era frequentemente ouvida por todas estas professoras.

Assim, fica clara a importância de se criarem momentos para além da sala de aula, não necessariamente sendo um passeio, mas na própria escola, ao ouvir os alunos nos corredores da escola, no pátio na hora do recreio ou em dias de festividade em que os alunos apresentam seus talentos, a família, o seu lado mais descontraído.

A comunidade requer diálogo, confiança e respeito. Os pais sabiam que eles podiam contar com a gente, que aqui era o espaço deles também – *e fica pensativa por certo tempo*. Eu precisava de toda a família para realizar um bom trabalho. Precisava dos professores, dos alunos, de toda a equipe, porque a escola não é sozinha, ela é o coletivo. Eu entendo que a comunidade precisa ter a ideia de pertencimento àquele espaço, para que seja apoio, suporte, colaboração e compartilhamento de ideias. E eu pensava assim como professora e mais ainda como diretora – *relata Rosaura*.

Leila conta que seus alunos sempre foram bons, só que a comunidade da última escola onde trabalhou não era participativa. “Eu senti muita diferença ao sair do interior. Na zona urbana a gente tem que puxar a escola. A gente tem que batalhar para o bem da comunidade. Mas a maioria tinha uma visão distorcida da escola. Fizemos de tudo, mas a situação não mudou”. Rosaura recorda de uma passagem da escola a que Leila se refere: “estava organizando um evento a nível municipal e esta foi a única escola que não permitiu que tirássemos fotos dos alunos”. Os pais não autorizam, sob hipótese alguma. A escola não possui página na *internet* e nenhum registro *on-line*. Seria preciso dialogar com esta comunidade para compreender os seus motivos.

A professora Eoní diz que sempre procurou se relacionar bem com os alunos, conversar, atender aos pais quando lhe procuravam ou mandavam bilhete, dando retorno e

buscando compreender a comunidade escolar do aluno. “A vida do aluno me interessa, porque ele vai se sentir acolhido percebendo que me importo com ele”.

Adreane recorda dos alunos e comunidades por onde passou ao longo dos anos. Sobre as questões dos laços de relacionamento, ela cita a comunidade da Rua São Pedro, nos trilhos de baixo²⁶, ao acolher de uma maneira invejável a Escola Municipal Visconde de Mauá. A questão das aproximações com os alunos e com a comunidade escolar de uma forma geral, em termos de valorização do que é a escola. Ela afirma que este é um exemplo perfeito para se pensar nos percursos e guinadas de escolas de periferia.

É importante pensar em algumas alternativas para estes movimentos: trabalho de pertencimento primeiramente da direção e dos professores à escola e, posteriormente, dos alunos e comunidade; percepção das potencialidades dos alunos; observação do contexto socioeconômico do espaço ocupado pela comunidade; valorização dos pais dos alunos; busca de apoio das mais variadas formas de especialidades e recursos; diálogo na busca da resolução dos conflitos, compreendendo que são parte do aprendizado; criação de perspectivas para esta população, dando abertura para a participação de toda a comunidade. Entende-se o fato de que, nem sempre, com uso de todas estas dinâmicas, o bom relacionamento e a parceria entre a comunidade e a escola se efetivam. Mas é necessário partir do princípio de que a recusa já se tem. Então, é preciso tentar uma resposta diferente. Foi esta a percepção obtida através da narrativa de Adreane. Quem conhece a realidade educacional do município de Portão há algum tempo vai concordar que este movimento foi impressionante e que todos os profissionais que passaram pela Escola Municipal Visconde de Mauá merecem reconhecimento pelo trabalho realizado.

Mariângela tinha contato direto com os alunos e a comunidade. “Estava presente na comunidade assim como eles estavam na escola. Eu visitava os alunos, participava de festas particulares deles, de festas religiosas onde a comunidade professava, vivia meu tempo para a comunidade da Cachoeira²⁷”. A professora afirma que esta relação não era algo que fosse obrigatório. São laços que até hoje ela possui, são vínculos afetivos e recíprocos.

Eu acho que posso resumir essa relação em uma palavra: família. A escola foi pra mim a minha segunda família durante anos. A escola não era o meu trabalho. A escola era a minha família. E o relacionamento que a gente tinha, qualquer dificuldade, era tudo compartilhado. Era fácil de trabalhar lá. A escola foi aumentando, os professores foram chegando e se encontrando, cada um do seu jeito. Eu trabalhava 40 horas lá, por muitos anos. Eu conhecia todos os moradores da

²⁶ A Rua São Pedro se estende de forma paralela aos antigos trilhos da antiga estação férrea de Portão, e as habitações que nela existem estão localizadas no que é popularmente chamado de “trilhos de cima” e “trilhos de baixo”. A estação de Portão foi aberta em 1909. A linha entre Rio dos Sinos e Montenegro foi desativada por causa da abertura da linha General Luz-Passo Fundo por volta de 1963, tendo sido os trens de passageiros e cargueiros desviados por essa linha, para chegarem as cidades de Montenegro e Caxias.

²⁷ Localidade onde a Escola Municipal Gonçalves Dias está situada.

comunidade, eram meus amigos. Nem final de semana eu parava em casa porque tinha batizado, comunhão, aniversário, casamento. Então, eram 150 alunos e eu envolvida na vida deles e eles na minha.

A professora se entregou à comunidade escolar e isto lhe custou certos problemas com alguns professores. Como tratado anteriormente, quando alguns vértices de um triângulo se aproximam de forma desigual, a forma se transforma (NÓVOA, 1999), e necessita de novos arranjos para se reequilibrar. Na prática, quando a aposentada afirma que “a escola era minha família”, além da questão da alteridade, é perceptível a tensão na aproximação demasiada entre o público e o privado.

Marisa lembra do tempo em que trabalhava na Escola Municipal João Scherer, na localidade de Boa Vista, e tinha dificuldade para se deslocar até a escola. Primeiramente ela tentou ir de bicicleta, mas nem sempre o tempo colaborava com ela. Então, o táxi era chamado, mas ficava muito caro em relação ao seu salário. Então ela se informou e começou a pegar carona.

Eu caminhava da Avenida Perimetral, no centro, até a Estação Portão para pegar o táxi. Eu passava na frente do Curtume AP Müller²⁸ e eu via todo dia um caminhão passar pra chácara com a peonada dentro. Daí eu tive a ideia de pedir carona pra eles. Os trabalhadores eram muito respeitosos. Em quatro anos eu nunca pedi transferência de lá. Eu me apeguei na comunidade, sabe? Aí a gente fazia aula uma vez por semana na casa de um, depois na casa de outro. A gente fazia um lanche pras crianças, ia colher o arroz, que tinha lá ao redor, nas plantações e assim eu fazia uma aula diferente, era muito legal. A gente foi em todas as casas. Depois, em uma reunião de CPM²⁹, os pais resolveram que iam fazer um compromisso comigo. O cronograma é que cada dia um pai ia vir me buscar na Estação Portão. Aí eu vinha de ônibus até a Estação. Depois, fui transferida e me despedi deles com todo amor. Eu sou muito grata àquela comunidade. Desempenhei meu trabalho com muito carinho e até hoje nos encontramos cheios de saudade e afetos. Em 1991 eu juntei 13^{o30} e comprei um carrinho. Trabalhei um tempo em duas escolas, sendo uma delas a Escola Municipal Gonçalves Dias, na Cachoeira. A professora Mariângela³¹ era a diretora e, também, professora. Ela ficou com duas turmas e a direção e eu com as outras duas turmas. Também foi um período maravilhoso com a comunidade, assim como no Franke, mais tarde.

“Com relação à comunidade escolar, ah, eu fui muito feliz nisso, né? Olha, não posso lembrar se tive problemas com pais ou alunos” – relata Cândida. Ela lembra que sempre dispensou muito carinho aos alunos e teve muito cuidado com o relacionamento, de ser firme, mas ter muito respeito e diálogo. “Em todas as escolas que eu passei eu tive este pensamento. Claro, com o tempo eu fui aperfeiçoando”.

²⁸ Um dos inúmeros Curtumes que havia no município e que hoje está desativado.

²⁹ Círculo de Pais e Mestres: grupo de pais e mães da comunidade com os professores que, neste caso, era somente a professora Marisa Braga, que elaboravam atividades, festejos, eventos para angariar fundos e para divertimento e confraternização.

³⁰ O décimo terceiro salário é uma gratificação natalina ou subsídio de Natal, é um pagamento ao empregado ou funcionário instituído em alguns países. O seu valor, embora variável, é geralmente aproximado ao de um salário mensal, podendo ser paga em uma ou mais prestações, de acordo com a legislação laboral de cada país.

³¹ Nossa parceira de pesquisa, Mariângela Werlang.

A comunidade escolar é a base desta relação entre alunos e professores: muitas vezes os alunos já vêm de casa com uma ideia pronta sobre o professor, seu papel, seu valor. Mas também é uma construção que se faz, é um processo que nunca acaba. Talvez, esta relação possa ser vista com maior clareza justamente quando o professor se aposenta. É o que percebemos em muitas falas das professoras aposentadas.

DESAFIOS, RISCOS E MARCOS DA CARREIRA EM EDUCAÇÃO: “Uma vez um aluno apedrejou toda escola.”

“Nem tudo são flores no ambiente de trabalho”, pontuou Adreane. Isto é assim em todas as profissões, mas é mais comum quando se trata de um trabalho com pessoas. Muitas vezes, com tantas conquistas e a falta de um reconhecimento, o professor desanima com apenas um ato, palavra ou gesto de alguém que faz parte do ambiente escolar. Isto é muito comum e pode gerar problemas de saúde, inclusive, e até mesmo a solicitação de transferência de uma escola, por exemplo.

Em outras passagens conversamos sobre escolas onde os alunos apresentam problemas de indisciplina acentuados pelas dificuldades socioeconômicas da comunidade escolar onde a escola está inserida. Ouvi muitas vezes, das professoras aposentadas, que a escola deveria colorir a comunidade e não a comunidade colocar a escola na escuridão. Mas o que não se pode esconder é o fato de que problemas acontecem e de que é preciso estar atento, para que o grupo profissional sente e procure alternativas para os conflitos. Simmel (2006) aponta que os conflitos são parte importante do processo de sociabilidade. Mas compreender isto quando professoras precisam ficar trancadas em suas salas de aula com os alunos porque há algum tipo de ameaça, não é uma tarefa muito fácil.

Alguns percursos se alteram por fatos como este. Outros são apenas motivos para se buscar mais formação e enfrentar os desafios que se apresentam. Da mesma forma como cada professora observa o que é risco ou não, cada sujeito encara o novo, o imprevisível, a sua maneira. Disso dependerá a forma de agir e, principalmente, como receber as reações após suas ações. “O interesse e o desafio” estão na “instalação progressiva, de uma solidariedade orgânica, feita de atrações e de repulsões, de identificações afetuais ou de emoções partilhadas, em todos os domínios” (MAFFESOLI, 2005, p. 211). A sociedade e aqui, especificamente, o ambiente de trabalho fornecem elementos para estas observações.

Rosaura lembra que sua maior dificuldade na Escola Mauá era que as crianças eram muito vulneráveis, não tinham acesso à informação, a outros materiais de leitura, somente ao que era oferecido pela escola. Ela recorda que muitos eram revoltados e que não havia

psicóloga, psicopedagoga, profissionais que pudessem dar apoio ao trabalho do professor. “Uma vez um aluno apedrejou toda escola, então nós ficamos dentro da escola, presos em uma sala de aula fechada, até o menino ir embora. E a gente não tinha quem chamar, nem celular, nada”. A professora narra sobre a dificuldade de tratar as questões que envolviam a rebeldia, a indisciplina e a falta de perspectiva de alguns alunos. Ela garante que tudo isso prejudicava a aprendizagem das crianças. “Este momento me marcou e me fez ver que o mundo não era cor de rosa”. Rosaura compreendeu a realidade em que as crianças estavam inseridas e, dessa forma, buscou meios para contribuir com a formação dos alunos, de modo mais amplo.

A professora Eoní reflete sobre a palavra risco, no sentido de que ele varia de pessoa para pessoa. “O que pra mim é um risco pra ti pode não ser, né?” – reforça ela. Lembrando de seus percursos, Eoní trata de suas dificuldades em poder trabalhar: primeiro pelo fato de não poder morar no centro da cidade porque tinha que trabalhar numa escola da zona rural muito distante. Isso ocasionou o fato de não ter privacidade logo que se casou, pois teve de morar com os pais, no interior, por um bom tempo até ser transferida para uma escola de zona urbana. Outro fator foi em relação às preocupações com os filhos. Seu marido era caminhoneiro e, muitas vezes, ela não tinha com quem deixar os filhos para trabalhar, principalmente quando estavam doentes. “Dependia, muitas vezes, da boa vontade de vizinhos”. Depois foram seus pais já idosos, de quem ela teve que cuidar enquanto lecionava. Percebe-se claramente a forma como o trabalho afetava a vida pessoal da professora, do impacto do público sobre o privado.

Sobre as dificuldades na realização do trabalho em sala de aula, Eoní diz que “fazia o máximo que podia”. Ela lembra que trabalhou em boas escolas e que, tirando o tempo em que estava sozinha no interior, teve suporte profissional quando necessitou. “Eu só não fiz uma faculdade, que eu queria muito fazer, porque sempre tinha esses problemas, era filho pequeno, depois tinha que ajudar meus pais e só consegui fazer mais tarde um curso de extensão universitária em teologia”. Ela trata desta formação com muita alegria porque foi um momento de realização estar estudando. “Foi um desafio porque chegava correndo da escola, já tinha que pegar o ônibus, quinze pras seis. Era corrido, mas valeu. Se a gente quer a gente enfrenta, né?”

O Plano de Carreira do Magistério de Portão, assim como toda legislação, parte integrante das tecnologias de governo, não previa a possibilidade de a professora se afastar para cuidar dos filhos, cônjuge e pais doentes. Em meados da década de 1990 este ponto foi um acréscimo na legislação: o professor poderia se afastar até 30 dias por ano para cuidados com estes parentes acima listados, e de, no máximo, 90 dias em cinco anos. Caso este total de

dias fosse ultrapassado, o profissional não teria direito a receber férias e 13º salário, sendo calculado proporcionalmente. Outro fator a considerar era que, para contagem de tempo de trabalho para a aposentadoria, estes dias não são contabilizados. Quando o profissional é quem adoecer, tem o direito de 15 dias de afastamento com atestado médico. Se este prazo se estender, deve ser feita uma perícia médica que vai atestar, então, a necessidade de afastamento por maior tempo, podendo chegar a até 90 dias, sem prejuízo no recebimento de proventos e futuros cálculos para aposentadoria³².

Adreane se recorda das primeiras dificuldades na escola multisseriada, como o deslocamento e a questão da obrigatoriedade de fazer a merenda dos alunos. “Eu dependia muito das pessoas. Por exemplo, eu precisava dos pais quando faltava o gás na escola. Foi um aprendizado”. Porém, ela diz que, com o tempo e as mudanças de função dentro do magistério público municipal, as dificuldades e os desafios só foram aumentando. “Na Vila Aparecida eu tinha uma comunidade e um grupo de professores que se apoiava e enfrentava os desafios para que a escola fosse cada vez melhor”.

Quando eu assumi na Secretaria, a gente teve muitos desafios em função dos problemas de mudança de legislação, principalmente. Eu assumi a Secretaria no ano que veio a Lei de Responsabilidade Fiscal³³. Este foi um ano de grande virada. Até que tu faça as pessoas entenderem o que podia antes e não pode mais, o que se escolhia pela qualidade, e se tornou uma questão de valores, não gosto nem de lembrar. Então, aquele ano a gente teve que aprender tudo sobre isso. É, e foi um ano de tolerância do Tribunal de Contas, sendo que no primeiro de janeiro do outro ano começava a cobrança de uma lei com muitas sanções. Então, eu tenho resquícios muito trágicos, assim, de aprender a lidar muito rápido com a Lei de Responsabilidade Fiscal. Eu acho que isso me favoreceu quando eu retornei a atuar.

Leila fala do desafio em ter um aluno com dificuldade de aprendizagem por ser portador de uma necessidade especial. Lembra também do estágio e da primeira turma em Macaco Branco. “Os problemas foram enfrentados com coragem. Era a única opção que eu tinha”.

Quando Mariângela estava trabalhando no primeiro contrato, na Escola Municipal Vila São Jorge, sua família trocou de residência, e ela precisou solicitar transferência para uma escola um pouco mais próxima de sua casa. Então, ela foi trabalhar na localidade de Cachoeira, com turma multisseriada. Ao mesmo tempo, entusiasmada pelo trabalho, decidiu aceitar trabalho em outros dois lugares, em diferentes turnos. “Eu dava aula no 9 de Outubro

³² Ver mais em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/4424>>
<<https://www.camaraportao.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/2758>>
<<https://leismunicipais.com.br/estatuto-do-servidor-funcionario-publico-portao-rs-2005-07-18-versao-consolidada>>
<<https://www.camaraportao.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/2756>>

³³ Lei Complementar nº 101, de 04/05/2000: Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências.
Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm>

de manhã, de educação física, de tarde na Cachoeira e de noite no Portão Velho, na EJA. Fiz isso durante um ano e depois fiquei somente com a Escola Gonçalves. Era muito corrido, não tinha tempo pra mais nada”. No início da carreira, com todo vigor da juventude e entusiasmo pela profissão, muitos convites são aceitos e os ajustes para colocá-los em prática dependem de muita organização.

Para a professora Marisa também era importante superar os desafios. Ela lembra que, quando trabalhava de dia na Escola Municipal Edmundo Kern, lecionava à noite na EJA da Escola Municipal Carlos Oswin Franke.

Em 2004 e 2005, trabalhando com projetos na Edmundo Kern, a gente acabou recebendo uma leva de alunos do Loteamento Liberdade³⁴ quando eles vieram se instalar ali com o movimento de moradia dos sem-teto, debaixo de lona preta. E ninguém achava que esse contingente de alunos viria pra nossa escola, pois está na divisa com o município de Estância Velha. Mas eram nossos. Até houve um atrito entre os alunos locais da comunidade com esses novos alunos. Então, tivemos que trabalhar com isso e foi muito legal. E que que a gente fez? A gente começou a visitar o assentamento com os alunos, a ouvir as histórias de cada um e ver que eles não tinham banheiro, eles não tinham chuveiro, eles dormiam na barraca, no chão, tinha uma cozinha comunitária que eles faziam comida juntos. Então, isso pareceu um crescimento, né? Pena que isso não se manteve no decorrer dos anos pra haver continuidade no acolhimento e essa socialização entre eles mesmo, porque depois de uma certa época que eles já montaram suas casinhas, ainda tem, até hoje, preconceito com esse movimento popular. [...] Outro desafio que enfrentei durante meu percurso profissional foi que fiquei totalmente sem voz. Isso foi em 2007, quando estava só no Franke. Eu planejava as minhas aulas de projeto em expressão corporal, artes e tal, chegava na hora, não conseguia dizer o que era pros alunos fazerem, daí esse ano sempre tinha alguma professora que ia comigo pra sala de aula e me ajudava. Foi horrível. Chegou um dia que não deu mais porque começava a rasgar, uma dor muito forte. Daí eu tive o afastamento de sala de aula. Me cuidei e depois voltei.

Marisa se recorda do acolhimento realizado para as crianças e acredita que a forma como cada família se organizou, mesmo com todas as dificuldades, fez com que a parceria com a escola fosse iniciada. “Embora houvesse estranhamentos, no começo, por parte de alguns pais e professoras, o diálogo promoveu conhecimento e aproximação. Era tudo que as crianças precisavam. Nunca esqueço das visitas que fizemos lá” – lembra Marisa. O Loteamento Liberdade é, atualmente, um espaço organizado e com lideranças que promoveram debates junto à escola para a elaboração de projeto no contraturno escolar, com ampliação da escola, verba municipal para a refeição do almoço e contratação de mais profissionais.

Nossa parceira Cândida lembra que seu maior desafio foi a primeira turma de alfabetização. “Isso também foi um marco, mostrou que eu podia fazer, que eu podia

³⁴ Loteamento formado por integrantes do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) numa área de propriedade do estado, contendo cerca de 500 famílias, que está em fase de regularização. Atualmente possuem um representante na Câmara de Vereadores, Cleo Silva. Sobre a regularização da área, ver mais em: <<https://obras.rs.gov.br/estado-apresenta-projeto-para-regularizar-area-ocupada-em-portao>>

alfabetizar”. Ela pontua que sempre buscava formas diferentes para que os alunos fossem alfabetizados, com música, expressões artísticas, canto. E algo que ela não esquece é que, um dia, um aluno lhe perguntou: “Professora, quando é que tu vai começar a nos ensinar a ler?” Ela sorri ao trazer esta história do início de seu trabalho em educação, reafirmando o desafio de alfabetizar como aquele que a fez pesquisar, realizar cursos, se atualizar. “Essa primeira turma foi marco, risco e desafio, tudo ao mesmo tempo. Inesquecível”.

Ao ouvir estas mulheres, escrever, ler e reler suas narrativas encontro alguns marcos que as aproximam, outros em que se distanciam. Como uma delas afirmou, o que é risco para um pode não ser para o outro, assim como “aquilo que chamamos de verdade é apenas a hipótese que se pensou ser mais eficaz” (DOUGLAS, 1991, p. 22). Mas, o que se pode afirmar é a constante busca pela resolução dos problemas que surgiam durante a carreira, sendo uns de ordem mais prática e outros que fugiam da dimensão da sala de aula e acabavam fazendo com que as professoras aprendessem a conviver e a contornar com estratégias em seu cotidiano na escola.

A escola é formada por pessoas de uma sociedade que cresce no entorno dela, assim como suas problemáticas. Os movimentos do público ao privado são constantes, não há como separá-los. Um aluno adentra a sala de aula com um problema individual, familiar, muitas vezes fica em silêncio, outras vezes expande de forma indisciplinada, provoca atritos, agride aos outros. O silencioso também agride, a si mesmo, no caso. Da mesma forma o “ser” professor possui suas particularidades, mas procura afastamento do que se passa fora da sala de aula. De qualquer modo, mesmo com todo equilíbrio, isto afeta o trabalho de um dia, dois ou mais. Como já dito, a escola é formada por seres humanos. Assim, podem-se ouvir inúmeras histórias de muitas professoras, mas sempre teremos o diferencial.

IMPACTO DA GESTÃO ADMINISTRATIVA E PEDAGÓGICA NO TRABALHO EM EDUCAÇÃO

Como em todo ambiente profissional, a gestão influencia o modo como as pessoas realizam seu trabalho. Na educação, tanto a gestão administrativa quanto a gestão pedagógica têm papel importante para o docente. Se as obrigatoriedades impostas pelo sistema, através da legislação em qualquer esfera, de programas e projetos criados pela Secretaria de Educação ou na própria escola, são repassadas ao grupo de professores de forma a serem construídas alternativas e organização com distribuição de atribuições, isto irá favorecer o trabalho. Quando estas são impostas diretamente ao professor são recebidas de outra forma, como algumas parceiras narram.

O que se pode afirmar é que há diferenças de posicionamentos em gestões administrativas e pedagógicas que podem corroborar para o sucesso da implementação de projetos e programas, bem como de qualquer atividade a ser realizada na escola. Quando se fala em impacto, este pode ser tanto positivo quanto negativo. E é possível observar isso nas lembranças das professoras aposentadas.

Rosaura lembra que na Escola Municipal Antônio José de Fraga ela viveu uma história linda. O envolvimento e relacionamento com tantas pessoas foi essencial para seu crescimento profissional. “Trabalhar como professora, depois vice-diretora até ser diretora da maior escola da rede municipal foi um percurso de aperfeiçoamento, na prática”. Como em outros momentos, ela pondera que a formação acadêmica foi extremamente importante para suporte na carreira, mas que a forma como experienciou a gestão administrativa e pedagógica antes de assumir outros cargos na escola foi primordial para sua atuação como gestora depois.

Eoní recorda:

Nem sempre existiram todos esses setores dentro da escola. E ainda hoje tem uma enorme diferença entre o estado e o município³⁵. Lá em Fazenda das Palmas, quando era estadual, eu era professora, diretora, tudo, né? Vinha supervisão da DE, que na época visitava a escola para recolher papeis, mas isso era uma vez por semana devido à distância. Então, a gente praticamente era senhora de si. Quando eu vim pra zona urbana, a nossa diretora era bem difícil. Minhas colegas diziam “tu não bate de frente que ela pode não gostar”. Pensei que não precisava dar ouvido pra tudo que ela dizia, botava na balança pra ver o que achava e ficava na minha. Mas eu me lembro que uma vez eu fiquei muito magoada, bem no início. Eu estava acostumada a dar um bombonzinho de Páscoa pros meus alunos lá em Fazenda das Palmas, comprar até assim um ninhozinho porque lá no interior era normal. Então, quando eu levei os chocolates, a diretora chegou e me disse “tu não pode dar nada de Páscoa”. Meu Deus, pra mim aquilo foi um choque. Levei tudo pra casa, afinal, ela era minha superior. Pior que ela não apresentou nenhum argumento, só chegou se impondo, sabe? Eu não tava acostumada com isso. Pra mim, aquilo assim, marcou muito. E, assim, tinha muita coisa de fofoca no início, então eu nunca fui um membro ativo nos grupos. Melhor trabalhar e deixar o resto pra lá, né? Depois, quando a gente tinha discussões nas reuniões de sábado, pedagógicas, eu defendia a minha posição, mas sempre me mantive fora das chamadas panelinhas. Às vezes vinha uma com muita novidade, daí trocava supervisora, trocava tudo: a maneira de um plano de aula, maneira de fazer uma unidade de trabalho. Eu tinha anotações de planos e sobre alunos do meu jeito, mas tinha que alterar de tempo em tempo. Os objetivos conceituais, os comportamentais, a gente passava o tempo todo só elaborando. No lugar disso poderíamos estar pensando em cada aluno. Sei lá, eu pensava que aquelas reformulações tinham objetivo apenas de supervisionar e nada mais. E se cobrava, riscava por cima, tinha que mudar, fazer o novo, nossa, achava que era muita burocracia, mas tinha que fazer, né? Se perdia uma manhã fazendo três, quatro objetivos. Em relação a questão administrativa, a legislação e tal, o Estado em si se envolvia pouco com a instituição. Eles mandavam as regras, e a diretora que passava. E praticamente cada escola fazia as suas regras. Mas a gente via certa diferença quando trocava de governo, mudava muita coisinha. Uma coisa que eu nunca me esqueço quando eu comecei a trabalhar, é que mulher não usava calça comprida, não podia dar aula de calça comprida, era frio forte, não interessava, era saia ou vestido³⁶. Aí teve uma época, não me lembro qual o governador, que o

³⁵ Eoní se refere ao fato de a escola pública estadual não ter todos os setores como as municipais, como a supervisão e orientação escolar, por exemplo.

³⁶ Havia uma Lei Estadual que proibia professoras de trabalhar usando calça comprida. Nos arquivos da Assembleia Legislativa estadual esta lei não foi digitalizada. Pesquisei em muitos arquivos *on-line*. Encontrei

inverno foi muito rigoroso, sei que eu guardei um tempo, depois botei fora, veio ofício, como eu era diretora, que podia permitir que as professoras usassem calça comprida, bem discreta, de junho a agosto. Aí foi durante uns três anos vindo aquele ofício, autorizando as mulheres a usar calça, mas aí depois que abriram, não conseguiram mais segurar o pessoal e se começou a usar calça normalmente. No município sempre teve mais intervenção, né? Acho que pela proximidade também. Mais visita, até do Prefeito e da Diretora de Ensino. Também havia aquele tal leva e traz. Qualquer coisinha iam ali na Prefeitura. Então, a gente mantinha uma preocupação em tudo que fazia e falava. Em época de eleição, então, minha nossa, nada de falar sobre política.

A burocracia, citada diretamente por Eoní, e que aparece indiretamente nas narrativas da maioria das parceiras de pesquisa, é parte das tecnologias de governo, e é importante que se possa observar seus movimentos e os efeitos que produzem no trabalho em educação buscando compreender “a constituição e funcionamento do poder” dentro do ambiente escolar (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016, p. 11).

A questão da proibição do uso de calça comprida por parte das professoras representa um dos fatores que mostra a diferença de tratamento entre homens e mulheres em relação a seus direitos. “Por que não havia recomendação para uso de roupas dos professores?” – questiona Eoní. É mais uma pergunta para reflexão. Em outras narrativas as professoras citaram o fato de não terem representatividade nos cargos de chefia no poder público, bem como no privado, mesmo sendo maioria da população em números apresentados pelo IBGE. Também foi comentado sobre a valorização dos salários.

Voltando a falar sobre as regras da vestimenta das professoras, segundo levantamentos realizados nesta pesquisa, o estado do Rio Grande do Sul enviou às escolas públicas na década de 1960 uma listagem com as obrigatoriedades da professora primária, entre elas, a proibição do uso de calça comprida, conforme relatos de Eoní. Realizei intensa pesquisa na Legislação do estado do Rio Grande do Sul, tanto no executivo quanto judiciário e legislativo³⁷, em Repositórios Digitais diversos e entrevistei a Dra. Francine Ávila, especialista no assunto. Nada foi encontrado sobre a vestimenta das professoras primárias no estado do Rio Grande do Sul.

Nos repositórios da Legislação dos estados de São Paulo e Pernambuco é possível encontrar decretos sobre o assunto. Ainda hoje a vestimenta, principalmente de professoras e alunas é discutida, principalmente nas escolas militares. Porém, fica mais uma questão: por que este documento sobre normas de vestimenta das professoras primárias – Decreto ou Lei –

leis estaduais sobre a mesma temática nos arquivos estaduais de São Paulo e Pernambuco. Mas esta lei existiu no Rio Grande do Sul, sendo extinta no início da década de 1970, segundo a professora Eoní.

³⁷ Além dos sites do governo pesquisei no Repositório Digital Tatu, da Unipampa – Universidade Federal do Pampa. Neste repositório encontram-se todas as edições da Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul, contendo a história da educação do estado, desde a década de 1960. Também entrevistei de forma *on-line* a Dra. Francine Ávila, professora de Direito que estuda sobre os direitos das mulheres, Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale.

não está disponível e acessível para a população do Rio Grande do Sul? Esta questão fica a cargo da reflexão de cada leitor.

Leila diz que em escola grande se percebe mais a questão pedagógica e administrativa. “Em uma escola pequena sempre tive liberdade para trabalhar. Depois, nunca tive problema com as minhas diretoras. No setor pedagógico tive algumas pessoas maravilhosas, como a Adriana³⁸, sempre pronta pra te ajudar. A Andreia³⁹ também.” Ela se recorda de que teve uma supervisora mais preocupada com a documentação do que com a aprendizagem de fato. Uma outra deixava fazer tudo à vontade, e algumas orientadoras também. “Teve uma época que juntaram várias escolas para cada supervisora e orientadora e daí elas ficavam circulando entre escolas pequenas e não tinha mais assistência, né?” Ela pondera que o impacto das equipes pedagógicas existia sempre. “Às vezes pra mais, às vezes pra menos. Dependia da competência de cada uma”.

Mesmo que Leila não tivesse o setor pedagógico diretamente no dia a dia da escola, o trabalho realizado deveria atender às solicitações deste setor. De qualquer forma, ela entendia possuir liberdade para atuar da forma que desejasse. A professora Mariângela aponta:

A gestão pedagógica e administrativa impacta no trabalho do professor e vice-versa. Então, eu vejo pelos dois lados. Tanto como professora, quanto como diretora. Se não houver diálogo, sentar e pensar no melhor para a escola, as coisas ficam complicadas. Especialmente em escolas maiores. Funciona como uma engrenagem, sabe? Então, é preciso que todas as dúvidas sejam esclarecidas, que o trabalho seja compartilhado, porque se alguma coisa errada acontece em um dos lados, o todo fica comprometido. Eu vejo assim.

A parceira de pesquisa Adreane afirma que a gestão deve produzir impacto na melhoria da qualidade do trabalho. “Como gestora, a pedagoga que há em mim é latente. Ela passa por cima de tudo, nas minhas relações pessoais, familiares, ela sempre está presente, imagina no trabalho”. Adreane entende que todas as escolhas e decisões tomadas na escola são pedagógicas, mesmo as da gestão, porque a escola tem que ser pensada em seu maior propósito, que é o de ser um espaço de educação. Também pensa que as decisões tomadas pelas equipes diretivas e pedagógicas provocam movimentos que afetam professores, alunos e a comunidade como um todo.

Marisa se recorda de alguns momentos em que era mais visível a presença do gestor. Tanto da forma que ela percebia como positiva, quanto negativa. “Olha, quando a Lisiane⁴⁰ era diretora na Edmundo Kern, tudo funcionava, tínhamos apoio para os projetos e uma ótima

³⁸ Adriana Siqueira, supervisora nomeada, atualmente aposentada.

³⁹ Andréia Oliveira, supervisora nomeada, ainda na ativa na Secretaria de Educação.

⁴⁰ Lisiane de Oliveira, professora nomeada, tendo sido diretora da Escola Municipal Edmundo Kern. Ela demitiu-se ao casar-se e mudar de residência para uma cidade do Vale do Paranhana.

relação com a comunidade. Mas depois, quando ela saiu, tudo mudou”. Ela pontua a importância de a direção da escola atentar também para o pedagógico.

Pra mim, depois foi o caos. Porque além de não ter as coisas que a gente precisava pra dar aula, tinham problemas de estrutura que deveriam ser atendidos pela diretora. Chovia na lâmpada em cima dos alunos, o perigo de dar um curto-circuito nos alunos e não se fazia nada, sabe? Foi o caos. A gente pedia e nada acontecia. Eu não gostava de passar por cima de ninguém, mas eu cansei. Fiz um ofício pro secretário porque aquilo era falta de direitos humanos naquela escola. A maioria das crianças já tinha muita necessidade em casa, e daí vem pra escola e acontece isso? E a gente morrendo de medo de pegar fogo naquela parte velha da escola. Pensei que isso era uma coisa mais política, certo? Fui direto pra Deus, o Lírio⁴¹, no caso. Dali em diante a vida foi um atrito só, né? A gente ficou um tempão sem conversar, sabe? Uma crise assim, com um estresse e daí eu pedi pra ir 40 horas pro Franke. E não foi só eu que saiu de lá, foram várias professoras. Foi uma pena. A gente fazia oficinas, saída de campo, usava aquele espaço lá, que é o horto hoje. Fazia parceria com a Vera⁴² e outras professoras, das plantas, dos chás sabe? Ah, fazia muita coisa legal. O bom gerenciamento na escola é imprescindível pra nossa aula dar certo, pra nossa prática pedagógica.

Quando Marisa toma a atitude de buscar um superior para verificar os fatos desagradáveis que ocorrem no ambiente de trabalho, pode-se lembrar de estudos que narram “práticas de resistência dos trabalhadores para tornar o dia de trabalho mais suportável” (LIMA; HOLZMANN, 2015, p. 60). Não somente pelo movimento para resolução de um problema pontual, mas também pela forma como realizava sua prática cotidiana, com muita arte e atividades diferenciadas, não-comuns ao ambiente escolar no período, como as saídas de campo com os alunos a um acampamento do MTST, por exemplo.

A professora Cândida afirma que, com certeza, seu trabalho em escola sofreu impacto da gestão pedagógica e administrativa. “O Brasil é imenso, né? E então, era lógico que se precisava adaptar na escola o que vinha de cima”. E ela continua.

Complicado, uma hora era foco no conteúdo, outra hora, era na habilidade, depois nas competências. E como desse pra separar uma coisa da outra, pelo amor de Deus, né? Pra mim estão relacionadas. Mas, enfim, impacta, sim, porque tu muda o teu jeito de escrever, estuda, se dedica. Eu não gosto de fazer coisas mais ou menos. Eu fiz muitas coisas só porque o documento tava me exigindo, né? Porque eu não acreditava que fosse necessário, importante. Eu acredito que todas as mudanças nos afetam. E o modo como são transmitidas a nós, professores. Então, “n” coisas são feitas, são construídas e, de repente, são esquecidas e eu ouvia “nossa, que inusitado”. E quando se vê já acabou. Mas meu Deus, é dinheiro posto fora. Trabalhos bons que ficam esquecidos. Coisas que realmente podiam contribuir pra questão da construção de uma educação mais produtiva – e fica pensativa. Mas com certeza influenciam, sim. Tanto pedagógico, quanto administrativo. Eu penso que é necessário estudar, e sim é necessário aprimorar, mas é muita mudança em pouco tempo. E me parece que muita coisa não tem a cara da escola, do professor, da comunidade. As vezes passa uma ideia de que o sujeito já tá pronto e vamos colocar aquela máscara nele. Não tem como. Então, eu sempre procurei cuidar, mesmo sabendo que eu estava sendo transformada, tocada.

⁴¹ Lírio Casagrande, professor da rede estadual cedido, Secretário de Educação do município (1988-1991).

⁴² Vera Freitas, professora nomeada, atualmente aposentada.

Os alunos, as professoras, as equipes diretivas e pedagógicas, a comunidade, todos “desempenham o papel de agentes na transformação e mudança da cultura e da sociedade e não são meros joguetes de forças impessoais” (VELHO; VIVEIROS DE CASTRO, 1978, p. 8). Apesar de todas as alterações no modo como estruturar os planejamentos, as avaliações, o currículo, percebe-se, por meio de algumas destas narrativas, que “o fato de que as pessoas nascem dentro de um sistema sociocultural já dado não quer dizer que este sistema não esteja sempre se fazendo através das biografias individuais” (idem). Estas transformações são parte de um jogo de forças que se retroalimenta o tempo todo, sendo uma constante reinvenção (SIMMEL, 1981) (CERTEAU, 1994, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências pedagógicas destas mulheres, numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre, não rememoram apenas especificidades de sete professoras aposentadas da rede pública: as reminiscências aqui narradas apresentam momentos entre o conteúdo e o construtivismo, o tradicional e o contemporâneo, o singular e o plural no espaço de aprendizado. É possível pensar nos impactos de leis e projetos, mas, também, vislumbrar fatos que demonstram o uso de metodologias diferenciadas, o que facilitava o trabalho das professoras mais comprometidas.

Estes percursos profissionais em educação contribuem, entre outros pontos, para reflexão sobre “o caráter produtivo das tecnologias que, entre seus diversos efeitos, criam novas normatividades e modos de atuação política” (FONSECA; JARDIM; SCHUCH, 2016, p.28). As narrativas destas mulheres sobre seus percursos abarcam, para além do território geográfico, um amplo território no espaço-tempo, onde as subjetividades se constroem, se moldam, se transformam. Afinal, o trabalho em educação gera movimentos em todos os sentidos.

Muitos são os momentos desafiadores na carreira em educação. O trabalho com crianças, a alfabetização, a parte burocrática que também é uma atribuição do professor, a necessidade de um retorno constante dos processos às famílias e à equipe diretiva da escola, por si só, já são grandes desafios. É preciso organização e competência.

De forma diferenciada, cada professora evidenciou movimentos diversos em suas carreiras, ora em função de certo funcionamento da estrutura escolar, ora por motivo de determinada legislação e, ainda, outras vezes, por causa de encaixes e desencaixes nas práticas pedagógicas. Convém ressaltar que cada mulher apreendeu estes movimentos de acordo com sua forma peculiar de observar o campo de trabalho e a própria vida. Ainda assim, muitos foram os deslocamentos que encontraram ressonância coletiva.

Importante reafirmar que estas rememorações podem contribuir para uma profunda reflexão e visibilidade destes momentos singulares de que a escola se constrói. Assim como a cultura, a escola não se faz sem pessoas. E são as pessoas que circularam nestes espaços cotidianamente por um longo período que podem trazer luz a algumas questões relevantes, como a humanização deste lugar de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Tradução de Rosa Freire de Aguiar. 2014. Sobre o Estado. São Paulo: Editora Cia das Letras. 758 p. ISBN 978-85-359-2435-0

BRASIL. Lei Complementar nº 101/2000, de 04/05/2000. Dispõe sobre regime nacional, parâmetros a serem seguidos relativos ao gasto público de cada ente federativo (estados e municípios) brasileiro. Disponível em: <<https://www.gov.br/tesouronacional/pt-br/execucao-orcamentaria-e-financeira/lei-de-responsabilidade-fiscal>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

DOUGLAS, Mary. 1991. Pureza e perigo. Lisboa: Edições 70. 136 p. ISBN 972-44-0794-2

FONSECA, Cláudia; JARDIM, Denise; SCHUCH, Patrice. 2021. Tecnologias de governo: apreciação e releituras em antropologia. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 9-34. ISSN 1806-9983

FOUCAULT, Michel. 2013. Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26ª ed. São Paulo: Graal. 174 p. ISBN 978-85-7753-296-4

FOUCAULT, Michel. 2014. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 42ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 302 p. ISBN 9788532605085

INEP. Sistema Educacional Brasileiro. 2020. Portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Governo Federal.

MAFFESOLI, Michel. 2005. A Transfiguração do Político. A tribalização do mundo. [3ª ed.]. Porto Alegre: Sulina. 230 p. ISBN 978-85-205-0615-8

NÓVOA, António. 1999. Profissão professor. 2ª ed. Porto: Porto Editora. 191 p. ISBN 978-972-0-34103-7

PORTÃO. Lei nº 428/1992, de 26/11/1992. Institui o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal. Disponível em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/4424>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PORTÃO. Lei nº 2101/2010, de 13/09/2010. Estabelece o Plano de Carreira e remuneração do magistério público do município de Portão, institui o respectivo quadro de cargos e funções, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/2758>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

PORTÃO. Lei nº 2103/2010, de 13/09/2010. Altera a Lei 427/92, com as alterações posteriores, que dispõe sobre o Plano de Carreira dos funcionários públicos municipais e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/proposicoes/pesquisa/0/1/0/2756>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PORTÃO. Lei nº 804/1996, de 20/12/1996. Dispõe sobre o Regime jurídico único dos servidores públicos do município de Portão e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/estatuto-do-servidor-funcionario-publico-portao-rs-2005-07-18-versao-consolidada>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Obras RS. Estado apresenta projeto para regularizar área ocupada em Portão. 2018. Disponível em: <<https://obras.rs.gov.br/estado-apresenta-projeto-para-regularizar-area-ocupada-em-portao>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

TAGLIAVINI, João Virgílio; TAGLIAVINI, Maria Cristina Braga. 2020. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: Constituição, Leis e Diretrizes. 2ª ed. Rev. Ampl. São Carlos, SP: Edição do Autor. eBook Kindle.